

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº682

11 a 24 de
Outubro 2024

Ano 28

R\$2

(11) 9.4101-1917



opiniaosocialista



www.opiniaosocialista.com.br



@opsocialista



Portal do PSTU



@opiniaosocialista



ELEIÇÕES 2024

O RESULTADO DO 1º TURNO E AS TAREFAS DA CLASSE TRABALHADORA

A importância de construir uma
oposição de esquerda e socialista
contra os governos das três esferas

Páginas 8 a 13

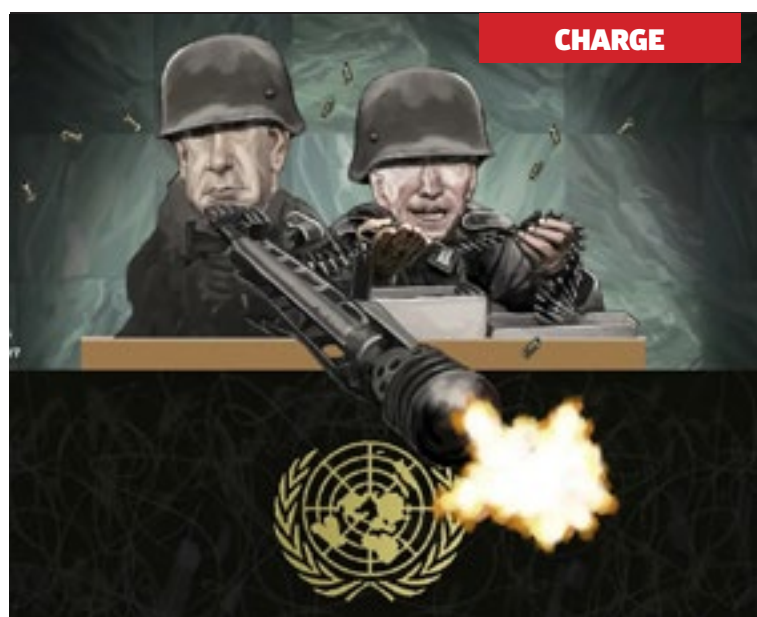
1 ANO DO GENOCÍDIO EM GAZA

PALESTINA LIVRE DO RIO AO MAR

Fora Israel do Líbano
e da Palestina

Páginas 4 a 7





CHARGE

FALOU BESTEIRA

“Eu amo o Malafaia. Ninguém critica mulher feia”



O ex-presidente **Jair Bolsonaro (PL)**, com seu habitual machismo, no dia 8 de outubro, respondendo ao pastor Silas Malafaia, que o chamou de “covarde”, “omisso” e “porcaria de líder”, ao comentar as eleições municipais.

107º ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO RUSSA

LIVROS COM 30% DE DESCONTO ATÉ O FIM DO MÊS!



www.editorasundermann.com.br | 11 98649-5443

DEMISSÃO, JÁ!

Ministro da Defesa defende acordos militares com Israel

O Ministro da Defesa José Múcio Monteiro disse, no último dia 8, perante uma plateia de empresários, que questões ideológicas travaram uma licitação vencida por empresas militares israelenses. “A questão diplomática interfere na Defesa. Houve, agora, uma concorrência, uma licitação. Venceram os judeus, o povo de Israel, mas por questões da guerra, o Hamas, os grupos políticos, nós estamos com essa licitação pronta, mas por questões ideológicas não podemos aprovar”. O ministro também culpou a existência de Terras Indígenas, como um entrave na mineração de potássio, o que, para ele, também seria uma questão “ideológica” e não o fato de existirem leis e artigos na Constituição sobre os direitos dos povos



originários. Múcio é um defensor das Forças Armadas no governo. Ele também já relativizou o papel dos militares no golpe de 1964 e afirmou que as Forças Armadas “salvaram” a democracia no 8 de janeiro (!). Sua presença é uma vergonha para um governo que diz de “esquerda”. O governo brasileiro adotou algumas tímidas medidas que desagradaram a Israel. Lula, correta-

mente, até chegou a chamar o que Israel faz com os palestinos em Gaza de genocídio. Mas isso não é suficiente. Se é genocídio, então é preciso que o governo rompa todas as relações diplomáticas, culturais, acadêmicas e comerciais, com Israel. E, também, deveria aproveitar para demitir o ministro Múcio, lacaios dos militares, defensor de golpistas e de Estados genocidas.

BRAÇOS CRUZADOS

Estivadores dos EUA em greve



No dia 1º de outubro, estivadores dos Estados Unidos iniciaram uma greve que já está sendo considerada uma das maiores mobilizações trabalhistas dos últimos anos. É a primeira paralisação em larga escala do setor nos últimos 50

anos. A paralisação afeta 36 portos do país, entre os quais alguns dos maiores do mundo, como os de Los Angeles e Long Beach, ambos no estado da Califórnia. A ação tem um impacto significativo sobre o comércio marítimo, especial-

mente nas costas Oeste e do Golfo, áreas estratégicas para o fluxo de mercadorias nos EUA. A principal reivindicação dos trabalhadores é a melhoria das condições de trabalho, que se agravaram desde a pandemia de Covid-19. Os estivadores denunciam o aumento da sobrecarga de trabalho, falta de segurança e longas jornadas, além da pressão das empresas para aumentar a automação nos portos, o que pode levar à redução de postos de trabalho. A possibilidade de uma greve prolongada teria efeitos não só na economia norte-americana, mas também sobre o comércio internacional.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Passado o 1º turno das eleições, o que fazer?

Mesmo enfrentando o avassalador poder econômico das candidaturas da ordem, as regras antidemocráticas desse regime dos ricos e a censura dos grandes veículos de comunicação, o PSTU apresentou, nestas eleições, uma alternativa da classe trabalhadora, socialista e revolucionária.

Com candidaturas encabeçadas por operários, trabalhadores, gente da juventude, professores, mulheres, LGBTI+ e negras e negros, fizemos uma campanha que foi expressão dos setores mais explorados e oprimidos. Uma campanha militante, em que o PSTU, apesar dos poucos votos, sai mais fortalecido para as próximas batalhas.

Passado este 1º turno, a militância do PSTU segue nos locais de trabalho, nas fábricas, nos canteiros de obra, nas escolas e universidades, defendendo um programa de enfrentamento ao Arcabouço Fiscal, às privatizações, ao roubo institucionalizado da dívida e ao programa neoliberal, nas três esferas de governo.

Por isso, também seguiremos chamando a organização e a mobilização independente da classe trabalhadora, conectadas à estratégia de uma revolução que bote abaixo este Estado capitalista e abra o caminho para a construção de um governo socialista dos trabalhadores.

EM SÃO PAULO E PORTO ALEGRE: VOTO CRÍTICO, SEM NENHUMA CONFIANÇA

No 2º turno, o PSTU defenderá o voto nulo na maioria das cidades. Em algumas, porém, como em São Paulo (SP), chamará o voto crítico em Guilherme Boulos (PSOL), contra o representante do bolsonarismo, o atual prefeito Ricardo Nunes (MDB).

Já em Porto Alegre (RS), o PSTU ajudará os trabalhadores e trabalhadoras que querem derrotar o atual prefeito, e também aliado de Bolsonaro, Sebastião Melo (MDB), chamando o voto



crítico na candidata de oposição, Maria do Rosário (PT).

Em ambos os casos, o PSTU vai estar junto com os setores mais avançados da classe trabalhadora e da juventude, que querem derrotar eleitoralmente a ultradireita. O PSTU alerta, porém, que não derrotaremos, de verdade, essa extrema direita através das eleições, menos ainda com um eventual governo de Frente Ampla, de aliança com a burguesia, e com um programa liberal capitalista e nos limites da ordem, como o que é defendido pelas candidaturas do PT e do PSOL.

Por isso mesmo, defendemos o voto crítico ao mesmo tempo que não depositamos qualquer confiança num governo que venha a ser constituído por essas candidaturas. Ao contrário, defendemos a organização independente da classe para, inclusive, lutarmos contra os eventuais governos do PSOL ou do PT, pois, com seus acordos, promessas e alianças, farão, inevitavelmente, um governo contra a classe trabalhadora.

O SENTIDO DO VOTO CRÍTICO

Em São Paulo, por exemplo, Ricardo Nunes é o representante do bolsonarismo e do governador de extrema direita, Tarcísio de Freitas (Republicanos). Tem como vice um ex-comandante das Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (Rota) que se tornou conhecido por defender, publicamente, uma abordagem “diferente” da polícia nos bairros da elite e nas periferias. Também ajudou a privatizar a Sabesp e, para angariar o apoio do bolsonarismo, foi ainda mais à direita chegando, por exemplo, durante a pandemia, a incorporar um discurso antivacina.

Já Boulos, enquanto a direita radicalizava seu discurso, tentou se tornar mais palatável, não só rebaixando seu programa, mas adotando, inclusive, parte do programa da própria direita.

Botou, por exemplo, um ex-comandante da mesma Rota para elaborar seu programa de Segurança Pública. Também

prometeu dobrar a Guarda Municipal, militarizada, repetindo o velho programa de mais repressão, que se abate sobre os pobres e a juventude negra e periférica. Assim como chegou a defender, uma vez eleito, a reintegração de posse e o enfrentamento contra o movimento por moradia.

Já em Porto Alegre, o candidato à reeleição, Sebastião Melo, teve responsabilidade direta na tragédia que vitimou a população gaúcha no início do ano. Apesar dos sucessivos alertas, não investiu em prevenção. E, ainda, ameaça privatizar o Departamento Municipal de Água e Esgotos (DMAE). Os atingidos pelas enchentes não foram reparados, enquanto Melo entrega a cidade cada vez mais aos bilionários.

Maria do Rosário, porém, não representa uma alternativa dos trabalhadores para Porto Alegre. Com uma política de Frente Ampla, de governar com e para os bilionários e com o Centrão, vai repetir o que faz o

governo Lula no âmbito do Governo Federal. Por isso, o PSTU, ao mesmo tempo em que chama o voto contra Melo, alerta para que os trabalhadores não depositem qualquer confiança em Maria do Rosário.

O voto crítico do PSTU não se confunde com apoio político, mas o contrário. É no sentido de, junto aos setores que querem combater a ultradireita, fortalecer a luta para forjar uma oposição de esquerda, de classe e socialista, ao governo Lula, e, também, aos governos dos estados e municípios, enfrentando o sistema capitalista, a democracia dos ricos e a própria extrema direita, ao invés de se aliar a ela, como faz o PT.

E acreditamos que tem que ser assim porque a extrema direita não será derrotada nas urnas, mas mudando essa sociedade capitalista que vivemos.

VENHA COM O PSTU FORTALECER UMA ALTERNATIVA REVOLUCIONÁRIA E SOCIALISTA

O que está colocado é a necessidade de organizar, junto à classe, uma forte oposição de esquerda e socialista ao governo Lula-Alckmin e aos governos das demais esferas, para combater os bilionários e o sistema capitalista, que só produzem barbárie, violência e destruição ambiental.

A política covarde de setores do PSOL – de defender o “mal menor” contra o “fascismo” – ajuda a manter a classe presa a projetos de alianças com a direita e a burguesia, num círculo vicioso, que acaba por fortalecer a própria extrema direita.

O PSTU agradece os votos recebidos nestas eleições e a todas e todos que nos ajudaram nesta campanha. Cada voto ajuda a fortalecer um projeto revolucionário e socialista. E fazemos um chamado: venha se organizar conosco e ajudar a construir uma alternativa revolucionária, na luta pelo socialismo, por um futuro comunista, sem exploração e qualquer tipo de opressão.

PALESTINA LIVRE

‘Resistimos, existimos, não seremos apagados do mapa’

SORAYA MISLEH,
DE SÃO PAULO (SP)

Um ano de genocídio em Gaza. Mais um ano de resistência do povo palestino. A partir de sua falsa propaganda, Israel se sentiu avalizado, como base militar do imperialismo na região do Oriente Médio e Norte da África, a buscar sua “solução final” na contínua Nakba (a catástrofe palestina cuja pedra fundamental é a formação desse estado racista em 15 de maio de 1948). Conforme estudo de pesquisadora da Universidade de Edimburgo, se o genocídio seguir, até o final do ano de 2024, serão algo como 335.500 palestinos mortos em Gaza – 14% da população da estreita faixa. E há experimentos de reprodução de genocídio na Cisjordânia e no Líbano. Mas dizemos em alto e bom som: resistimos, existimos, não seremos apagados do mapa.

O povo palestino enfrenta essa ameaça há mais de 76 anos, na contínua Nakba. Em 1948, sobre seus corpos e escombros de suas aldeias, Israel se criou



Gaza, genocídio sionista completa um ano

em 78% da Palestina histórica. A sociedade palestina se vê, desde então, inteiramente fragmentada – sendo que metade dos 13 milhões encontra-se no refúgio/diáspora e metade sob violenta colonização, apartheid, limpeza étnica, genocídio.

Em 1948, dois terços foram expulsos violentamente na limpeza étnica que contou com genocídios em dezenas de aldeias

em que estupros foram instrumentais para aterrorizar a população e forçar sua saída de terras que sempre foram suas. Cerca de 800 mil palestinos passaram a ser refugiados da noite para o dia e cerca de 530 aldeias foram destruídas para dar lugar a kibutzim (assentamentos que proliferam a cada dia, construídos sobre terras palestinas, portanto). Kibutzim como os que se situam

no entorno da faixa de Gaza – a qual foi ocupada militarmente, junto com Cisjordânia e Cidade Velha de Jerusalém, em 1967.

GAZA E CISJORDÂNIA

Gaza já enfrentava situação dramática, após 17 anos de cerco sionista criminoso e uma coletânea de massacres. A Organização das Nações Unidas (ONU), em 2015, chegou a afir-

mar que a estreita faixa se tornaria inabitável em cinco anos. Não começou agora, quando tudo está destruído e a carnificina continua, além da imposição israelense dos agora mais de 2 milhões de palestinos (fora os que foram assassinados) à fome, à sede, à falta de condições sanitárias e tratamento médico.

Na Cisjordânia e Cidade Velha de Jerusalém, apartheid, expansão colonial agressiva e limpeza étnica são a regra a que a ocupação sionista submete algo como 3,2 milhões de palestinos. Já são, nesta nova fase da Nakba, mais de 700 mortos e milhares de feridos, com dezenas de cidades sitiadas e de aldeias despovoadas em meio a ataques das forças de ocupação e pogroms por parte de colonos racistas e violentos. Nove mil novos assentamentos foram autorizados por Israel em meio ao genocídio atual. O roubo de terras palestinas se acelera. Ainda, o número de presos políticos mais que dobrou, os quais estão submetidos a torturas inomináveis, inclusive estupros.

RESPONSABILIDADE DO BRASIL

O governo Lula precisa romper relações com Israel imediatamente

Diferentemente do que o oligopólio midiático nas mãos dos grandes capitalistas apresenta, o que se vê hoje não é uma guerra entre iguais, mas, vale reafirmar, genocídio – conforme descrito inclusive na Convenção para a Prevenção e Repressão do Crime de Genocídio, ratificada pelo Brasil em 15 de abril de 1952.

Segundo esta Convenção, que ironicamente data de 9 de dezembro de 1948 – quando os palestinos se enfrentavam com a pedra fundamental da Nakba –, “entende-se por genocídio qualquer dos seguintes atos, cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, tal como: assassinato de membros do grupo; dano grave à integridade física ou mental de membros do grupo; submissão intencional do

grupo a condições de existência que lhe ocasionem a destruição física total ou parcial; medidas destinadas a impedir os nascimentos no seio do grupo; transferência forçada de menores do grupo para outro”.

Ou seja, tudo o que Israel faz contra o povo palestino e está amplamente documentado, sendo transmitido ao vivo. Os signatários dessa Convenção têm obrigação em não permitir o genocídio, podendo ser responsabilizados pela inação ou omissão. Entre elas, “estabelecer sanções penais eficazes” aos que cometem esse crime contra a humanidade.

GOVERNO FALA EM GENOCÍDIO, MAS NÃO ROMPE RELAÇÕES

Lula reconheceu, ainda em fevereiro, durante sua par-

ticipação na 37ª Cúpula da União Africana, na Etiópia, o genocídio cometido por Israel contra o povo palestino em Gaza e reiterou isso em outras ocasiões.

No entanto, um ano depois – e com o genocídio batendo às portas do Líbano e com mais intensidade na Cisjordânia –, o Brasil não só mantém acordos e relações com Israel, como, por meio de seu Ministério das Relações Exteriores, soltou uma nota à imprensa digna de repúdio no dia 7 de outubro de 2024.

No comunicado, o governo Lula insiste em classificar erroneamente a resistência palestina como “ataques terroristas” – o que ignora o reconhecimento do direito de os povos sob colonização resistirem sob todos os meios e faz



coro à propaganda de guerra contra todo o povo palestino. A nota é tal lamentável que os palestinos não existem nela. O genocídio que Lula reconheceu está ausente.

Por ocasião do aniversário de um ano do genocídio e da resistência heroica e histórica palestina, que não se do-

bra, nas ruas e em todos os cantos, as vozes se levantam e exigem a ruptura imediata de relações econômicas, acadêmicas e diplomáticas com o Estado genocida de Israel. Esta é a solidariedade que precisamos e queremos. Seguiremos em marcha até a Palestina livre do rio ao mar.

PALESTINA

Um ano de genocídio e resistência

FÁBIO BOSCO,
DE SÃO PAULO (SP)

No dia 7 de outubro de 2023, a resistência palestina liderada pelo Hamas atacou bases militares israelenses e tomou prisioneiros, para troca por presos políticos palestinos.

Este ataque recolocou a causa palestina na agenda mundial, além de paralisar as negociações de normalização de relações entre os regimes árabes e o Estado de Israel e, ainda, colocar o governo de Benjamin Netanyahu e o Estado de Israel em crise.

O governo israelense, liderado por Netanyahu, rejeita qualquer tipo de investigação

sobre o 7 de outubro, seja pela Organização das Nações Unidas (ONU), por ONGs especializadas ou pelo próprio parlamento israelense. Ele quer evitar que mentiras (como o assassinato de bebês ou o estupro de mulheres) venham à tona, muito menos que se mencione o alto número de israelenses que foram mortos pelo próprio exército israelense, no afã de evitar reféns.

CRIMES CONTRA A HUMANIDADE

No dia seguinte, as forças israelenses promoveram crimes de guerra e crimes contra a humanidade em série: bombardeios indiscriminados contra a população civil; destruição

de residências, escolas, hospitais e infraestrutura sanitária; bloqueio de ajuda humanitária de alimentos e remédios e aprisionamento de civis, sem acusação formal, que também foram submetidos a torturas.

Esses crimes foram e continuam sendo cometidos contra a população palestina de Gaza (42 mil mortos, 10 mil desaparecidos e 100 mil feridos) e da Cisjordânia (700 mortos, 10 mil presos), e, há duas semanas, voltaram-se, também, contra a população libanesa, onde já há mais de 2 mil mortos.

Os líderes israelenses não escondem o objetivo de expulsar a população palestina, tornando Gaza inabitável, para roubar suas terras. Na Cisjor-



dânia, 9 mil novas moradias para colonos sionistas foram autorizadas em terras palestinas e mais de 240 hectares já foram anexados pelo Estado de Israel.

Esta combinação entre crimes de guerra e crimes contra

a humanidade, com a intenção de expulsar ou eliminar uma etnia é denominada de GENOCÍDIO pela Convenção de Genebra, que, há décadas, estabelece normas internacionais para limitar a violência das guerras.

IMPERIALISMO

A cumplicidade dos donos do mundo



Os países imperialistas se dividem em dois blocos. Os Estados Unidos e os países imperialistas europeus falam em

cessar-fogo, mas continuam entregando armas para que o Estado de Israel siga dando continuidade ao genocídio.

A China e a Rússia também falam em cessar-fogo, mas trabalham contra qualquer apoio militar à resistência palestina. Exemplo disso foi a pressão chinesa pelo fim das ações militares feitas pelos iemenitas Houthis, no Mar Vermelho, que paralisam a navegação comercial na região. Outro exemplo foi a pressão de Moscou para que o Irã não retaliasse Israel para valer.

Os regimes árabes criticam o genocídio, mas seguem os acordos com o Estado de Israel, inclusive na área de defesa. A Autoridade Palestina, presidida por Mahmoud Abbas, também critica o genocídio,

mas mantém os acordos de cooperação de segurança com Israel.

A RESPOSTA DO IRÃ

O regime iraniano, que lidera o chamado “Eixo da Resistência”, afirmou, através do Ayatollah Khamenei, que não atacaria Israel para defender os palestinos, mas somente atacaria Israel se o Irã fosse atacado.

Para piorar, recentemente, o regime iraniano anunciou que deseja retomar as negociações sobre o programa nuclear iraniano, para suspender as pesadas sanções imperialistas, que é um gesto de normalização com o imperialismo

em meio ao genocídio em curso na Palestina e no Líbano.

No entanto, sob pressão para responder aos covardes ataques sionistas ao Hezbollah, o regime iraniano lançou cerca de 200 mísseis balísticos contra bases aéreas e um edifício do Mossad (serviço secreto de Israel), em Tel Aviv, a maioria dos quais foi abatida antes de atingir o alvo.

Essa reação iraniana surpreendeu o Estado sionista e mostrou o potencial que teria uma ação conjunta da resistência palestina com o “Eixo da Resistência”, que poderia ter paralisado o genocídio logo no início.

A TRAGÉDIA PALESTINA**1897**

I Congresso Sionista na Basileia, Suíça, escolhe a Palestina, ainda sob domínio do Império Turco-Otomano, como destino para a colonização. O plano era assegurar uma maioria de judeus em terras em que, até então, eram uma minoria palestina (apenas 6% naquele período).

1920 E 1930

Depois da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) a Palestina passa a ser controlada pelo Império Britânico, que ficou com o território como espólio entre as potências aliadas vencedoras. Os britânicos começam a fomentar a colonização sionista na Palestina.

1936

Eclode a Revolução Palestina contra o Império Britânico e a colonização sionista. As reivindicações eram a libertação nacional palestina, com o fim da colonização e entrega de terras dos palestinos aos sionistas. Uma greve geral é realizada e dura seis meses. No campo, desobediência civil e insurreição armada.

1939

Sob brutal repressão britânica, a revolução é derrotada. O Império desarma os palestinos e explode suas casas. Os regimes árabes e a burguesia reacionária árabe-palestina também colaboraram com a derrota da revolução, tal como revela Ghassan Kanafani em “A revolta de 1936-1939 na Palestina” (Editora Sundermann).

1947

Em 29 de novembro, a primeira sessão especial da Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) recomenda a partilha da Palestina em um Estado judeu e um árabe, com Jerusalém sob administração internacional. O diplomata brasileiro Osvaldo Aranha presidiu a sessão e votou favoravelmente à partilha. Sem consultar os habitantes nativos palestinos não judeus, a decisão delegava mais de metade daquelas terras ao colonizador sionista. Um sinal verde para a limpeza étnica planejada, que começa 12 dias depois, acompanhada de genocídio em aldeias como propaganda para a expulsão de palestinos nos meses seguintes.

CRISE E INSTABILIDADE

Israel é uma base militar dos EUA

Desde 7 de outubro, o Estado de Israel vem perdendo a estratégica batalha por corações e mentes em todo o mundo. Isto aumenta qualitativamente o custo político de sua sustentação pelos países imperialistas, em um cenário internacional de acirramento das disputas interimperialistas.

Ao mesmo tempo, o genocídio aprofundou qualitativamente a crise econômica que já se arrastava desde o início de 2023, durante a disputa dos setores liberais contra a reforma do ju-

diciário. A incerteza quanto ao fim da guerra empurra as empresas (grandes e pequenas) do setor de novas tecnologias para os Estados Unidos e a Europa.

Ao mesmo tempo, a força de trabalho (de todas as escalas) escasseiam, fruto do alistamento militar, das baixas militares, do êxodo para o exterior e do impedimento de 180 mil trabalhadores palestinos atravessarem os “checkpoints” (barreiras militarizadas, para controle de circulação) para trabalhar na cons-

trução civil, que está paralisada. Isso tudo aponta para um longo período de estagnação, pior que o que sucedeu a guerra de outubro de 1973.

Além disso, a questão do alistamento militar da população “haredim” (chamados de “ultra-ortodoxos”, exatamente por se considerarem o grupo de judeus mais religiosamente autêntico) é outro elemento de crise e instabilidade.

Netanyahu e o Estado de Israel conseguiram uma recupe-

ração relativa, fruto da extensão do genocídio ao território libanês, inicialmente bem sucedida, mas que pode se transformar, como nas ofensivas anteriores (em 1982 e 2006), em novos fracassos.

De toda a forma, este primeiro ano de genocídio fortaleceu e expôs as características de enclave militar imperialista, em detrimento da aparência de Estado liberal e democrático, como Israel se apresenta ao mundo.

A dependência militar, econômica e política de Israel frente aos países imperialistas; a crise econômica e a fuga de capitais; o fortalecimento político dos “colonos”, representado pelos extremistas Ben Gvir e Smotrich (respectivamente, ministros da Segurança Nacional e das Finanças), em detrimento da extrema direita liberal; a ampliação dos gastos militares e a militarização da sociedade apontam para o fim das ilusões na falsa “democracia” israelense.

SOLIDARIEDADE ATIVA

Generalizar a resistência para derrotar o genocídio

Este primeiro ano de genocídio demonstrou a falência das potências imperialistas e das instituições da ordem mundial em garantir o cessar-fogo, o ingresso irrestrito de ajuda humanitária e outras medidas básicas de sobrevivência para os palestinos, situação que, agora, se estende ao Líbano.

Está demonstrado que é a resistência palestina, armada ou desarmada, apoiada pela

solidariedade internacional, que pode paralisar o genocídio, abrindo o caminho para a libertação da Palestina.

Do ponto de vista militar, o desafio nos países imperialistas ocidentais é ampliar o envolvimento da classe trabalhadora, para paralisar o envio de armas e fundos para o Estado sionista.

A China e a Rússia têm que ser cobradas a prover todo o armamento necessário para todas as forças dispostas a lutar contra o genocídio praticado pelo Estado de Israel no Oriente Médio. A mesma exigência tem que ser estendida aos países da Liga Árabe e ao chamado “Eixo da Resistência”.

Nos demais países, segue a batalha pela ampliação das mobilizações para obrigar os

governos nacionais a romperem relações econômicas, militares, diplomáticas, acadêmicas e culturais com o Estado de Israel.

Dentro da Palestina, o desafio é ampliar a auto-organização e a autodefesa palestina, bem como obrigar a Autoridade Palestina a romper os acordos de cooperação de segurança com o inimigo sionista e a ceder as armas da polícia palestina para que a juventude organize a autodefesa das cidades, vilas e campos de refugiados.

**PALESTINA LIVRE,
DO RIO AO MAR**

A ONU e quase a totalidade dos governos em todo o mundo defendem a chamada solução de dois Estados, que, além de injusta, é uma corti-



1948

Em 15 de maio o Estado de Israel é criado em 78% do território histórico do Palestina. Para os palestinos é o início da Nakba, palavra árabe que significa “Catástrofe”. A limpeza étnica entra em sua fase mais agressiva. Milícias sionistas massacram aldeias palestinas, assassinando inclusive mulheres e crianças. O estupro de meninas e mulheres serve para aterrorizar os palestinos. Oitocentos mil palestinos são expulsos de suas terras, mais de 500 aldeias são destruídas e cerca de 15 mil palestinos são chacinados. Egito, Jordânia, Síria e Iraque declaram guerra a Israel, mas não mandam os reforços necessários para de fato salvar a Palestina.

1949



Em 7 de janeiro Egito, Jordânia, Síria e Iraque assinam um armistício com Israel, abandonando os palestinos.

1967

Entre 5 e 10 de junho, eclode a Guerra dos Seis Dias. Israel ocupa militarmente a Faixa de Gaza, a Cisjordânia (incluindo Jerusalém Oriental), a Península do Sinai (Egito) e as Colinas do Golã (Síria). Meio milhão de palestinos se somam aos refugiados de 1948 e 13 mil são mortos.

1982

Massacre de cerca de 3 mil palestinos desarmados nos campos de refugiados de Sabra e Chatila, pelos falangistas no Líbano, com auxílio de Israel sob o carniceiro Ariel Sharon e EUA. O repórter Alessandro Porro, judeu brasileiro, desmontou a alegação de que Israel não percebera o massacre e mostrou que os campos de refugiados estavam há 200 metros do quartel israelense. A ONU condena o massacre e o chama de genocídio.



A TRAGÉDIA PALESTINA



na de fumaça para debilitar a resistência palestina, empurrando-a para o beco sem saída das negociações de paz.

O Estado de Israel já afirmou e reafirmou que é contra o estabelecimento de um Estado Palestino, mesmo que seja um “mini-Estado”, em apenas 22% do território palestino. Infelizmente, contudo,

a maioria das forças de esquerda continua defendendo essa ilusão de dois Estados ou alguma variante.

Reafirmamos a necessidade de pôr fim ao Estado de Israel, como única forma de garantir justiça e paz no Oriente Médio. E, por isso, defendemos uma Palestina laica, democrática e não racista, do rio ao mar.

A aliança entre a classe trabalhadora palestina e a classe trabalhadora dos países árabes se constitui na força motriz para varrer os regimes árabes colaboracionistas, expulsar as forças imperialistas e libertar a Palestina e todo o mundo árabe, rumo a uma Federação Socialista de Países Árabes.

FAKE NEWS



A deputada Carla Zambelli, o ex-presidente Jair Bolsonaro, e o site de extrema di-

reita Brasil Paralelo, entre outros, estão acusando o PSTU de apoiar um genocídio em

Contra os ataques de Bolsonaro defendemos o povo Palestino

Israel e de antissemitismo. A partir disso, recebemos várias ameaças contra a integridade física de nossos filiados.

É o mesmo tipo de ataques recebidos por todos e todas que levantam suas vozes em defesa do povo palestino. Foi o caso do jornalista Breno Altman, e de vários outros ativistas.

Não podemos aceitar que qualquer crítica ao Estado de Israel e suas políticas de opressão contra o povo palestino sejam chamadas de antissemitismo. Denunciar o Estado de Israel não equivale a se opor aos judeus ou ao judaísmo. O Estado de Israel e a ideologia que o justifica,

o sionismo, não são equivalentes ao judaísmo. O Estado de Israel procura se apresentar como representante de todos os judeus, mas isso não é verdade. Cada vez mais judeus em todo o mundo se levantam para dizer “Não em nosso nome” e “Holocausto nunca mais, para mais ninguém”. É o caso de organizações como o Vozes Judais pela Libertação aqui do Brasil, do Jewish Voices for Peace e If Not Now dos Estados Unidos. Por isso dizemos que defender o povo palestino e criticar Israel não é antissemitismo.

O genocídio que ocorre na Palestina é feito pelo Es-

tado de Israel e suas tropas. E é por causa desse genocídio, que o Estado de Israel está no banco dos réus da Corte Internacional de Justiça, por crimes de guerra e crimes contra a humanidade que são efetuados conscientemente pelos líderes israelenses, e por isso constituem crimes de Genocídio conforme as Convenções de Genebra.

Não podemos nos calar. Temos que continuar ao lado do povo palestino e fazemos um chamado a todas as organizações democráticas a rejeitar as ameaças que vêm da extrema direita para silenciar as vozes em defesa dos palestinos.

A TRAGÉDIA PALESTINA

1987

Explode a poderosa Intifada (levante popular em árabe) das “pedras palestinas contra tanques de Israel”. Para encerrar esse processo, iniciam-se negociações secretas entre a OLP e Israel, sob intermediação do imperialismo americano.



1993

Em 13 de setembro são firmados os acordos de Oslo entre o Estado de Israel e a OLP, sob intermediação de Bill Clinton, presidente dos EUA. Os acordos são firmados em base à “solução de dois estados”, reconhecendo a colonização sionista em 78% das terras palestinas. Cria-se a Autoridade Nacional Palestina (ANP), porém sem nenhuma autonomia e com dependência econômica integral de Israel. Os acordos são apresentados ao mundo como “paz gradual”. Servem para encobrir o aprofundamento do controle de Israel sobre os palestinos, que prossegue com o avanço de assentamentos, restrições à movimentação palestina, prisão e comando sobre fronteiras.

1994



Firmados os Protocolos de Paris, que selaram a consequente cooperação de segurança de Israel com a ANP, que passou a gerenciar a ocupação, reprimindo a resistência palestina.

2000

Em setembro explode a Segunda Intifada palestina. O levante teve início após uma “visita” de Ariel Sharon, então primeiro-ministro de Israel, à Mesquita de Al Aqsa. Uma provocação aos palestinos, que deram início ao levante. A Segunda Intifada marca o total fracasso dos Acordos de Oslo.



2006

Com a traição da ANP, o partido político de orientação islâmica Hamas, fundado em 1987, ganha as eleições legislativas na Palestina, mas Israel e EUA não aceitam o resultado democrático. Um cerco desumano é imposto a Gaza e, na sequência, se iniciam os bombardeios a “conta-gotas” ou massivos, como os que foram vistos em 2008-2009, 2012, 2014, 2021 e agora, em 2023.

2018

Palestinos de Gaza protagonizam a “Grande Marcha do Retorno”, reprimida violentamente por Israel. Atiradores de elite disparam contra o povo e deixam 189 mortos, dentre os quais 35 crianças, profissionais da saúde que tentavam socorrer os feridos e jornalistas, além de mais de 20 mil feridos.

2023

Hoje a sociedade palestina segue inteiramente fragmentada: são 13 milhões, sendo metade sob ocupação e apartheid (inclusive nas áreas ocupadas em 1948, onde há 65 leis racistas contra eles) e outra metade no refúgio/diáspora, impedida do direito legítimo de retorno às suas terras.

ELEIÇÕES

Centrão e extrema direita ganharam as eleições municipais no 1º turno

**JÚLIO ANSELMO,
DA REDAÇÃO**

Em 6 de outubro, os grandes vencedores das eleições foram o Centrão e a extrema direita bolsonarista. O Partido Liberal (PL) bolsonarista recebeu 15,7 milhões de votos, um crescimento de 236% em relação a 2020, o que permitiu que saltasse de 344 para 512 prefeituras. Já o Partido Social Democrático, o PSD, um dos “núcleos do Centrão”, saiu do 1º turno com 14,5 milhões (36,7% a mais que em 2020) e o título de partido que elegeu o maior número de prefeitos (882). A maioria das demais siglas do Centrão também cresceram.

A eleição foi uma demonstração da força e do crescimento da direita. Não apenas do ponto de vista do resultado eleitoral, mas também sobre como foi o debate político.

O Centrão, que sempre foi conservador e reacionário, hoje está muito mais à direita. A direita bolsonarista tenta anistia e a reabilitação e tam-

bém se “reinstitutionalizar”, ao mesmo tempo em que surge uma variante Pablo Marçal.

Enquanto isso, PT e PSOL fizeram uma campanha com uma “Frente” na qual a presença de setores burgueses foi ainda mais ampla e Lula instalou em seus ministérios representantes do MDB, de Ricardo Nunes; do Republicanos, de Tarcísio de Freitas; e do PSD, dirigido por Kassab, além do União Brasil e do PP.

Já Guilherme Boulos (PSOL/SP) tem feito uma campanha na qual abre mão de tudo que poderia ser chamado de um programa minimamente de esquerda, reivindicando, por exemplo, as Organizações Sociais (OSs) e as Parcerias Público-Privadas (PPPs), além de aprofundar a aliança com os bilionários capitalistas.

PT: DERROTA DE SUA PRÓPRIA POLÍTICA

A eleição expressa um momento de relativo equilíbrio no marco da instabilidade mais estrutural e geral da crise mun-



O presidente Lula e o governador de SP Tarcísio

dial capitalista, das disputas entre os setores da burguesia e da polarização política que atravessa o país. O que ajuda a explicar também o grande número de candidatos reeleitos. Embora aqui entre na conta os bilhões da máquina parlamentar do Centrão que foram despejados justamente nestas cidades.

O Centrão consegue, ao mesmo tempo, estar dentro

do governo Lula e servir como base fundamental de apoio ao bolsonarismo nas eleições.

Enquanto isso, o PT saiu derrotado das eleições, apesar de ter conseguido mais prefeituras, subindo de 182 para 248, e de ter aumentado ligeiramente o número de votos. Apesar de que, caso seja vitoriosa, a candidatura Boulos à prefeitura de São Paulo, possa,

em parte, mudar este balanço.

Mas, para um partido que está à frente do governo federal, o PT foi mal, o que também demonstra o desastre da política capitalista e liberal aplicada pelo governo.

O que se viu é que, depois de dois anos de governo Lula, os trabalhadores e o povo estão mais propensos a buscar saídas individuais e apoiar discurso liberal em defesa do capitalismo.

PABLO MARÇAL

As novas variantes do bolsonarismo

Há analistas que estão fletando com a ideia de que, nestas eleições, se encerrou a polarização política que atravessa o país, afirmando que o bolsonarismo foi enquadrado pela democracia burguesa.

Tarcísio e Nunes são os grandes fiadores deste projeto de construção de um bolsonarismo aparentemente mais moderado. Ambos jogam com a possibilidade de “normalização” e “institucionalização” do bolsonarismo, que lhes permita ocupar cada vez mais espaço do poder. E também, respondem à sinalização de setores da burguesia, em relação às eleições de 2026, que olham

com simpatia e expectativa para este bolsonarismo “mais domesticado”. Ainda que Pablo Marçal também encante a Faria Lima (a avenida símbolo da burguesia, em São Paulo).

Mas esse raciocínio ignora duas coisas. Um que se aprofundou todo um processo de reorganização na extrema direita, com fenômenos por fora da figura de Bolsonaro. A maior expressão disto é o próprio Marçal que, por muito pouco, não foi ao segundo turno em São Paulo, onde ele conseguiu pautar o debate e ter bastante votos. Esse fenômeno não se restringiu à capi-



tal paulista. Em Curitiba (PR), o segundo turno foi dominado por bolsonaristas. Em Fortaleza (CE) e Belo Horizonte (MG) chegaram no segundo turno surpreendentemente.

A Segunda coisa é que apesar de mais fragmentada, a ultradireita não está, necessariamente, mais fraca. Pelo contrário, se fortaleceu de conjunto. Não é que o bolsonarismo e

suas variantes estejam caminhando para o centro; mas, sim, é o Centrão que avança mais para a direita, ainda que fisiologicamente, através de uma espécie de “semiparlamentarismo reacionário” instalado no país.

UM PERFIL DISTINTO, MAS IGUALMENTE REACIONÁRIO

O cenário que emerge não é de um movimento menos reacionário; mesmo com certa adaptação temporária de um setor, principalmente em função da derrota nas eleições de 2022 e da tentativa de golpe em 8 de janeiro, e afirmação de outro setor bolsonarista mais extremista.

Ainda mais quando o PT, PSOL e burocracias que dirigem inúmeras organizações da classe estão no governo Federal e são uma esquerda capitalista e liberal, defensora do sistema atual.

O fenômeno Marçal levanta novas preocupações quando comparado aos apoiadores do ex-presidente (mais ligado aos militares e saudoso de 1964), levando o bolsonarismo para uma parcela da juventude, com um perfil ultraliberal, mais semelhante ao de Nayib Bukele (presidente de El Salvador), representante da “suposta prosperidade”, mas com um cunho religioso também diferente.



A suposta domesticação de parte do bolsonarismo é a prova de um profundo pacto reacionário entre setores burgueses e um regime democrático burguês cada vez mais autoritário. Trata-se muito mais da busca por ganhar espaços e forças para seu projeto autoritário. Ignorar isso é ignorar as profundas bases sociais, econômicas e políticas que dão sustentação para a ultradireita, no Brasil e no mundo.

E isto é assim porque a crise do capitalismo impõe um patamar ainda maior de exploração e sofrimento aos trabalhadores e ao povo, fazendo com que uma ala da burguesia se utilize destes setores políticos e ideológicos para justificar seu projeto reacionário contra a maioria da população.

O CAMINHO DA DERROTA

Frente Ampla e governo Lula fortalecem a direita

Em 2022, a campanha de Lula e do PT foi toda feita em defesa da “Frente Ampla” com vários setores burgueses para “derrotar o bolsonarismo”.

Na época, alertamos que fazer as alianças com a burguesia; colocar o Centrão no governo; aprofundar a decadência do país, garantindo os interesses dos bilionários capitalistas, não serviria para impor derrota alguma sobre a ultradireita, quanto mais para mudar as condições sociais que a alimentam.

Pelo contrário, há muito afirmamos que isto só serviria para desorganizar e desmoralizar a classe trabalhadora e, no final das contas, fortalecer a própria ultradireita, que é produto do capitalismo subalterno vigente no país e moldado nos últimos 30 anos pelos governos do PSDB e do PT.

Por isso mesmo, a ultradireita bolsonarista segue existindo com força, como as eleições expressaram. Nem mesmo



Prefeito reeleito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes e presidente Lula

o PT se beneficia da aliança que faz com a direita e muito menos os trabalhadores. A grande beneficiária está sendo a própria direita. Enquanto isso, o Bolsonarismo se multiplica e avança.

MÃOS DADAS COM A DIREITA E DE COSTAS PARA O POVO

O PT esteve coligado com o PL de Bolsonaro em 85 cidades. Em São Luís (MA), PT e PL também estão juntos no apoio ao

candidato do PSB. No Rio de Janeiro, o PT apoiou Eduardo Paes (PSD), que também teve o apoio de bolsonaristas, como o pastor fundamentalista Ottoni de Paula (MDB).

No segundo turno, o PT segue a mesma lógica, chamando voto em qualquer candidato contra o bolsonarismo. E, assim, vão apoiar e votar em vários candidatos da direita tradicional, que vão retroalimentar o próprio bolsonarismo.

Enquanto isso, o país está sendo incendiado pelo avanço do agronegócio, que é financiado pelo governo com mais de R\$ 400 bilhões; os indígenas continuam sendo assassinados, à espera da demarcação de suas terras, e o governo trata o Arcabouço Fiscal, que corta verbas da Educação e da Saúde, como uma vitória. Já os bilionários capitalistas comemoram o crescimento do PIB, que proporciona maiores lucros, enquanto o povo não tem qualquer tipo de melhoria nas suas vidas.

LIÇÕES DO 1º TURNO

Por uma oposição de esquerda e socialista para lutar contra todos os governos

O PSTU apresentou um programa revolucionário e socialista nas eleições, explicando para os trabalhadores a necessidade de enfrentar os bilionários capitalistas, o sistema e a democracia dos ricos, bem como os governos municipais, estaduais e federal controlados por eles.

Durante toda a campanha, discutimos que só assim os trabalhadores vão garantir seus direitos, enfrentar as máfias dos transportes e a privatização (com PPPs e OSs) e combater a domínio das grandes construtoras, que impedem a resolução do problema habitacional nas cidades.

Estas eleições também confirmaram a necessidade de que os trabalhadores confiem apenas em suas próprias forças, lutando por suas reivindicações e reafirmando a necessidade de uma alternativa política independente dos setores burgueses, com uma proposta de sociedade que enfrente os problemas do país e das cidades sob uma perspectiva socialista, para garantir emprego

digno, salário decente e mais verbas para a Saúde e a Educação.

Nossa campanha enfrentou a ultradireita, explicando como eles fazem parte do sistema capitalista e são, na verdade, a sua ala mais radicalizada e degenerada. Sem enfrentar o capitalismo e romper o poder dos bilionários capitalistas, não há luta contra a ultradireita bolsonarista que possa ser vitoriosa.

Ao contrário do que dizem vários setores da esquerda, que apoiaram o governo Lula-Alckmin-Centrão, justificando sua adesão a uma esquerda capitalista, liberal e defensora da ordem, estas eleições, apesar do pouco espaço eleitoral para a oposição de esquerda, de classe e socialista, reafirmaram a necessidade de construí-la.

Afinal, de nada adianta vencer o bolsonarismo eleitoralmente adotando para si o programa do neoliberalismo e do capitalismo e rifando as pautas dos oprimidos, para aliar-se à própria direita e engrossar os votos de seto-

res reacionários, como faz o PT.

Argumentam que esta seria uma vitória tática, eleitoral, para o governo do PT de Frente Ampla, mas continuaria sendo uma derrota estratégica para todos os trabalhadores, caso sigam confiando neste projeto político o que tem sido uma trava para o fortalecimento de uma alternativa dos trabalhadores com independência da burguesia.

FORTALECER AS LUTAS E A ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES

O governo Lula sai destas eleições mais fraco e mais refém do Centrão e da Faria Lima, que exige ainda mais ataques aos trabalhadores e à soberania do país. Limitar a luta contra a ultradireita às eleições, capitulando cada vez mais a burguesia, é o caminho para a derrota.

Por isso é preciso seguir fortalecendo uma alternativa revolucionária e socialista, apesar do pouco espaço eleitoral, disputando os trabalhadores



para um programa que seja capaz de enfrentar os bilionários capitalistas. Este é o único caminho para que eles se preparem para as batalhas atuais e as que virão.

Por esta razão reafirmamos a necessidade de fortalecer a mobilização independente da classe trabalhadora, sua independência de classe, e uma oposição de esquerda, revolucionária e socialista, contra os governos das três esferas, incluindo o governo Lula-Alckmin-Centrão. Para enfrentar o sistema e, inclusive, também enfrentar a ultradireita pra valer.

No segundo turno nossa orientação mais geral é o voto nulo. Em São Paulo e em Porto Alegre (RS) indicaremos o voto crítico nas candidaturas de Boulos e Maria do Rosário. Mas, não temos acordo e não apoiamos suas alianças e programas, que se inserem nos marcos do Arcabouço Fiscal liberal capitalista do governo Lula. Votaremos contra Ricardo Nunes e Melo, mas chamando os trabalhadores a não depositarem confiança alguma nos governos do PSOL e do PT, caso sejam eleitos (leia mais nas páginas 3, 10 e 11).

ELEIÇÕES 2024

SÃO PAULO

Para derrotar Nunes e o bolsonarismo, PSTU chama voto crítico em Boulos



PSTU - SP

O primeiro turno das eleições municipais se encerrou com Ricardo Nunes (MDB) e Boulos (PSOL) passando ao segundo turno, após uma eleição acirrada, marcada por baixarias e violência política.

O PSTU tem orgulho de ter apresentado uma chapa encabeçada por Altino e Silvana, que defendeu uma alternativa socialista e revolucionária, enfrentando a extrema direita e, ao mesmo tempo, fazendo oposição de esquerda e socialista ao governo Lula, mesmo em um processo completamente desigual, que mantém no poder aqueles que governam para os capitalistas.

Agora, no segundo turno, quando não poderemos apresentar uma candidatura independente, defendemos voto crítico em Boulos. Fazemos isso porque entendemos o desejo de milhões



Altino, candidato à prefeitura de SP pelo PSTU, e Professora Flávia, candidata à vereadora

de trabalhadores e jovens, que esperam que o bolsonarismo seja derrotado na eleição, e faremos campanha para ajudar nessa derrota. Mas, nos opomos ao projeto de conciliação de classes, de “Frente Ampla”, defendido por Boulos e não abrimos mão do programa que apresentamos durante o primeiro turno.

O programa de Boulos e os compromissos firmados na sua campanha foram com os capitalistas, com o governo Lula e com vários partidos e figuras da direita. Pelas escolhas que tomou,

não confiamos que Boulos fará um governo comprometido com os interesses do povo trabalhador.

PERDEU, MARÇAL! NUNES É O CANDIDATO DO BOLSONARISMO

Marçal surgiu na eleição provocando agressões e defendendo um projeto ultraliberal. Se diz antissistema, mas é um burguês que ganha milhões com a exploração dos trabalhadores e se beneficia do sistema capitalista, inclusive com negócios ligados a golpes e ao mundo do crime.

Nunes é o único representante da extrema direita no segundo turno e também terá o apoio, além de Bolsonaro e Tarcísio, do Marçal.

Tentando aparecer como um “bolsonarismo domesticado e institucional”, nos moldes do governador Tarcísio, Marçal, hoje, é parte desse bloco de extrema direita, liderado por Bolsonaro e figuras como o pastor fundamentalista Silas Malafaia, além

de ser personagem fundamental para o seu fortalecimento. Por isso, aceitou um vice militar, defensor de agressão aos pobres, indicado por Bolsonaro, e chegou a questionar a vacinação obrigatória durante a pandemia.

NUNES: PORTA-VOZ DOS BILIONÁRIOS, PRIVATISTA, OPRESSOR E ANTIPOVO

Já Nunes, como prefeito, fez um mandato tão apagado quanto danoso. Logo no início do seu governo, fez uma reforma duríssima contra a aposentadoria dos servidores municipais. Em seguida, privatizou o serviço funerário, penalizando os mais pobres.

Nunes ainda ajudou Tarcísio na privatização da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp). Depois do seu mandato, quase 70% do orçamento da Saúde Pública municipal está privatizado e oito em cada dez bebês e crianças matriculados nas unidades educacionais da rede

municipal estão em creches ou escolas terceirizadas.

No meio da eleição, São Paulo teve, por vários dias seguidos, o ar mais poluído do mundo. Isso aconteceu pelas queimadas promovidas pelo agro. Mas, Nunes também tem responsabilidade. O prefeito realizou uma mudança no Plano Diretor da cidade, para atender seus amigos do mercado imobiliário, flexibilizando fortemente a legislação ambiental do município.

O atual prefeito e candidato pelo MDB ainda colocou a prefeitura em guerra contra a realização do aborto legal nos hospitais públicos. O principal alvo dos ataques foi o hospital Vila Nova Cachoeirinha, referência na realização de aborto na capital. Chegou a ameaçar colocar na direção do hospital uma médica bolsonarista antiaborto.

Depois de um governo como este, é mais do que esperado que um setor da população queira se livrar de Nunes.

SEM NENHUMA CONFIANÇA

Votar em Boulos contra Nunes

Chamamos a votar em Boulos para a derrota eleitoral de Nunes. Mas, o nosso voto é crítico porque o projeto político de Boulos não responde às necessidades da classe trabalhadora da cidade.

Para chegar até o segundo turno, Boulos se aliou à burguesia e buscou se tornar palatável à Faria Lima (avenida símbolo do capital financeiro em São Paulo) e seus bilionários capitalistas. Deu uma guinada à direita, abandonando várias pautas dos movimentos sociais, como a defesa do direito ao aborto, a

legalização das drogas e a luta contra as privatizações da Saúde, da Educação e do transporte.

Passou, inclusive, a defender dobrar a Guarda Municipal, com poder de polícia, o que significa mais repressão nas periferias; chegando, também, ao ponto de, após anos militando no movimento de luta por moradia, dizer que se for necessário vai realizar despejos.

ALIANÇAS E CONCILIAÇÃO

Junto com isso, se aliou a partidos e a figuras da direita. O principal exemplo é a sua própria vice,

Marta Suplicy, que, como prefeita, realizou um mandato marcado por ataques ao funcionalismo e pela criação de taxas para os pobres. E, como parlamentar, votou na Reforma Trabalhista do governo Temer. Quando Lula propôs que Marta fosse a vice de Boulos, ela estava ocupando um cargo de secretária, na prefeitura do mesmo Ricardo Nunes.

Boulos, além de aliado de Lula, tem como modelo o “modo petista de governar”. Lula, como presidente, governa em aliança com o Centrão, manteve ataques, como as reformas da Pre-



Guilherme Boulos, candidato a prefeito de SP pelo PSOL

vidência, e só em 2024 já cortou bilhões da Saúde e Educação, além de, recentemente, com votos do PSOL e do próprio Boulos, ter cortado o Benefício de Prestação Continuada (BPCs) de 670 mil idosos e pessoas com deficiência, que já sobrevivem em situação de extrema pobreza.

Tudo isso para atender aos interesses de banqueiros e do agronegócio, que causa as queimadas no país. Se for eleito prefeito, Boulos também não irá romper com a lógica do Arca-bouço Fiscal de Lula, que penaliza os mais pobres para beneficiar os bilionários.

VEM COM A GENTE!

Construa uma alternativa socialista e revolucionária em defesa dos nossos direitos

É preciso avançar na organização independente dos trabalhadores e trabalhadoras, para enfrentar os capitalistas e seus ataques. Sem isso é impossível derrotar a extrema direita, que se alimenta desse sistema podre.

Faremos uma campanha pelo

voto crítico em Boulos, nos somando à classe trabalhadora e à juventude que querem derrotar eleitoralmente Nunes; mas, ao mesmo tempo, queremos fortalecer e construir as lutas e a organização independente da classe trabalhadora e do povo pobre,

pelas pautas que o próprio Boulos abandonou, como a luta contra as privatizações e em defesa de educação, saúde e transportes 100% públicos e de qualidade, a defesa do aborto legal realizado no SUS, o controle popular da GCM, contra sua ampliação e transforma-

ção em polícia, e o despejo-zero.

Para realizar essas tarefas, precisamos de mobilização e organização dos trabalhadores, independente dos capitalistas e seus governos, e construir uma oposição de esquerda, de classe e socialista, aos governos municipal,

estadual e federal. É necessário um governo socialista, dos trabalhadores, onde a classe, junto com o povo pobre e oprimido, governe através de assembleias populares. Venha com a gente construir um partido revolucionário e socialista, para lutar por esse projeto.

PORTO ALEGRE (RS)

Para derrotar Melo, PSTU chama voto crítico em Maria do Rosário



PSTU-RS

Neste 2º turno, o PSTU chama a votar criticamente em Maria do Rosário (PT) para derrotar Melo (MDB) nas eleições à prefeitura de Porto Alegre (RS). É certo que a perspectiva de Melo ser reeleito é um horror para todos os trabalhadores e juventude de Porto Alegre. Estaremos ao lado dos servidores do município, dos trabalhadores ameaçados pela privatização do Departamento Municipal de Água e Esgotos (DMAE), mas também da já privatizada Carris, dos atingidos pelas enchentes que não tiveram suas perdas reparadas. Votar 13, neste segundo turno, é um instrumento para derrotar eleitoralmente Melo nas eleições, que é aliado da extrema direita bolsonarista e principal responsável pela enchente. Apesar dos alertas, não investiu em prevenção. As obras de reconstrução nos diques, bombas de drenagem, na prática, não iniciaram.

Melo cada vez mais aprofunda a entrega da cidade aos bilionários com terceirizações, como na saúde e educação, prejudicando o



Maria Rosário, do PT vai disputar o segundo turno com Melo, atual prefeito da capital gaúcha

Foto: Fabre Rodrigues Pozzobom - Agência Brasil

atendimento à população. Sem falar na derrubada de árvores para construção de grandes empreendimentos imobiliários e comerciais. E, ao mesmo tempo que mantém uma passagem de ônibus cara, diminuiu a frota e linhas.

NENHUMA ILUSÃO NO PROJETO DE CONCILIAÇÃO

O PSTU não tem acordo com o projeto da frente composta pelo PT/PSOL/PCdoB/PSB/Avante, pois, em essência, defende para Porto Alegre o mesmo projeto de “governabilidade com Centrao” e “responsabilidade fiscal dos banqueiros” do atual gover-

no Lula (PT). O PSTU alerta que não se deve depositar confiança em governos que mantenham a lógica de parcerias público-privadas nos serviços públicos e não se comprometam a reverter o processo de privatização.

O projeto de Orçamento Participativo de Maria do Rosário é o mesmo implementado durante as administrações petistas nos anos 1990 e não garante “o povo de novo na Prefeitura”, pois nunca decidiu sobre mais do que 10% do orçamento e sempre foi subordinado à Câmara dos Vereadores. Houve recuo na proposta de tarifa zero no transporte público –

que era um “ponto central” para o PSOL ser parte da frente com o PT. Este ponto foi retirado do programa para não se enfrentar com o empresariado, o que já sinaliza qual seria a dinâmica de um governo desta frente. Maria do Rosário já reafirmou que seu programa “não é estatizante”.

Quem semeia ilusões num projeto de conciliação de classes, de “governar para todos”, de “construir pactos” para atrair o grande empresariado, acaba desmobilizando e desmoralizando nossa classe, favorecendo o crescimento da extrema direita que continua manifestando sua

força social e eleitoral.

O chamado ao voto no 13, neste segundo turno, não implica em adesão ao seu programa e nem apoio ao seu futuro governo, caso Maria do Rosário seja eleita. Tampouco abriremos mão das críticas ao seu programa. E, distinto do que faz o PSOL, que acabou se integrando a base do governo de conciliação de classes e liberal de Lula, seguiremos firmes na oposição de esquerda a todos os governos.

ENFRENTAR OS DONOS DO PODER

Manteremos a defesa do programa que foi representado por Fabiana Sanguiné (PSTU) no primeiro turno, que aponta a necessidade de tirar o poder dos “donos da cidade” – grandes grupos empresariais que mandam na Prefeitura e Câmara de Vereadores – como medida fundamental para reconstruir Porto Alegre com foco nas necessidades da população trabalhadora e da juventude periférica. Somente expropriando parte dos lucros e fortunas dos bilionários, teremos recursos para pagar as contas dos investimentos que a cidade precisa.

ELEITORALISMO

A maioria da esquerda perdeu a oportunidade de derrotar Melo nas ruas



Logo após a enchente de maio, a rejeição a Melo era evidente nas pesquisas e nas ruas, com painéis e manifestações espontâneas. O “Fora Melo” estava nas ruas, representando uma oportunidade de derrotá-lo antes das eleições. Havia espaço para a auto-organização dos atingidos

pelas enchentes, a construção de uma pauta de reivindicações e um calendário de mobilização crescente. A comissão “Fiscaliza Sarandi”, criada por moradores, demonstra esse potencial.

Essa oportunidade de derrotar Melo nas ruas foi perdida porque a maioria dos partidos de oposição preferiram apostar no desgaste eleitoral. Melo se utilizou do tempo ganho para se reabilitar usando o aparato da prefeitura. O elevado índice de abstenção no primeiro turno, onde 31,5% da população de Porto Alegre não compareceu às urnas, é também expressão de uma campanha eleitoral morna em que os candidatos reafirmam velhas promessas, que nunca se cumprem.

VENHA PARA O PSTU

Construir as lutas de agora e um futuro socialista



Os trabalhadores e moradores dos bairros periféricos de Porto Alegre podem tirar uma lição: as eleições nessa “rincracia” são um jogo viciado. Apenas uma minoria de can-

didaturas puderam participar dos debates – apenas 3 dos 8 candidatos no debate da RBS/Globo. Nossas candidaturas não tiveram um único segundo de direito no tempo gratuito

de rádio e TV. Fizeram de tudo para nos invisibilizar.

Não será através dessas eleições que as mudanças que tanto almejamos irão acontecer. O sistema capitalista é salvaguardado por este sistema político. Seja quem for eleito, a vida não vai melhorar e os ataques vão seguir. Aqui, a luta pela reparação das perdas, pela entrega das casas aos atingidos pelas enchentes, segue na ordem do dia. E com certeza o PSTU estará, lado a lado, nesses combates que se darão. Nesse caminho, esperamos não apenas lutar, mas seguir debatendo com cada um de vocês o projeto que, sim, pode transformar nossa cidade, nosso estado, o mundo: a revolução socialista.

REVOLUCIONÁRIO E SOCIALISTA

Uma campanha vitoriosa que enfrentou a extrema direita e a conciliação de classes

ROBERTO AGUIAR,
DA REDAÇÃO

O PSTU apresentou candidaturas socialistas e revolucionárias em todas as regiões do Brasil. Fomos o partido com mais candidaturas próprias nas capitais, em um total de 15. Defendemos um programa construído pelas regionais, a partir das realidades das cidades, mas conectado com a situação política-econômica-social do Brasil e do mundo.

Foi uma campanha vitoriosa, apesar do boicote da grande mídia e da lei eleitoral antidemocrática, que nos nega tempo na TV e no rádio e busca jogar o PSTU na semiclandestinidade. Nos poucos debates que participamos, os candidatos e candidatas do PSTU se destacaram, já que os representantes dos ricos defendiam sempre “mais do mesmo”, ou partiam para a baixaria, com direito a xingamentos e cadeiradas.

Nossas candidatas e candidatos são trabalhadores operários, professores, servidores públicos, autônomos, ativistas das lutas contra as opressões. Os dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), destacados na grande imprensa, apontaram que o PSTU foi o partido que mais teve candidaturas liga-



Ato de encerramento da campanha em São Paulo

das à Educação e foi o terceiro, proporcionalmente, na apresentação de pessoas trans.

LUTA SEM TRÉGUAS CONTRA A ULTRADIREITA E A CONCILIAÇÃO DE CLASSES

O PSTU foi o partido que mais se enfrentou com a ultradireita. Por isso, fomos o mais perseguido por eles. Mandi Coelho, candidata da juventude à vereadora em São Paulo, na chapa coletiva “Romper o Poder”, foi vítima dos ataques da deputada bolsonarista Carla Zambelli (PL) e do youtuber Arthur Val, o Mamãe Falei, dentre outras figuras e sites da extrema direita.

Na última semana das elei-

das à extrema direita também nos atacou por sermos firmes em nossa defesa e apoio à resistência do povo palestino e pelo fim do Estado genocida e terrorista de Israel, enquanto Boulos (PSOL) não só não se pronunciou em defesa da Palestina, como também, quando questionado sobre o tema, falava que não era candidato a prefeito de Tel Aviv (capital de Israel).

O silêncio permaneceu mesmo quando a extrema direita, incluindo Bolsonaro, divulgou vídeos com imagens do nosso militante da causa palestina Fábio Bosco, que sofreu ameaças de morte.

Mas, nossas candidaturas também foram um contraponto ao projeto de conciliação de classes do PT e dos seus satélites (como o PSOL e o PCdoB), que, em todo país, fizeram frentes amplas com partidos da velha direita do Centrão e, inclusive com o bolsonarismo. Basta lembrar que o PT, de Lula, se coligou com o PL, de Bolsonaro, em 85 cidades, incluindo São Luís, capital do Maranhão.

ORGULHO, SENSAÇÃO DE DEVER CUMPRIDO E GARRA PRA SEGUIR NA LUTA

Por isso, temos muito orgulho da campanha que fizemos. A militância do partido se sente com o dever cumprido. Em algumas cidades, aumentamos o número de votos, em outras mantivemos a média das eleições anteriores. Fomos, ainda, um dos partidos que aumentou o número de votos a vereador.

O PSTU também avançou em sua presença e ações nas redes sociais, comparada às eleições anteriores. Nessas eleições, acumulamos forças (ver página 16) para seguir em frente com a nossa luta por um Brasil e um mundo socialista, para organizar a classe trabalhadora com independência frente à burguesia e avançar na construção do partido revolucionário.

CLASSISMO

Candidaturas expressam o trabalho operário do PSTU

Nos canteiros de obras da construção civil em Belém (PA) e Fortaleza (CE). Nos centros de produção de petróleo e administração da Petrobras na cidade do Rio de Janeiro (RJ) e Alagoinhas (BA). Nas fábricas metalúrgicas no Vale do Paraíba, no ABC Paulista e Indaiatuba, em São Paulo; em Volta Re-

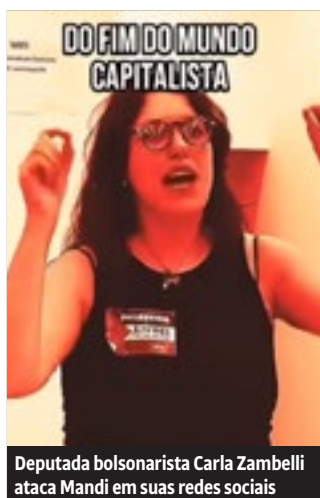
donda (RJ) e São João del-Rei, Contagem e Belo Horizonte (MG). Nas fábricas de alimentos e químicas, na cidade de São Paulo. E, nas minas em Mariana e Congonhas, em Minas Gerais. Esses são os setores operários onde o programa socialista e revolucionário do PSTU foi amplamente apresentado.



Candidato à prefeitura de Fortaleza, Zé Batista



Jordano faz campanha em São João del-Rei (MG)



Deputada bolsonarista Carla Zambelli ataca Mandi em suas redes sociais



ções, Mandi travou o principal debate político com a extrema direita, ao se enfrentar num podcast com Lucas Pavanato (PL), eleito o vereador mais votado em São Paulo.



Weller e a Bancada dos Trabalhadores Socialistas em São José dos Campos (SP)

PERIFERIA

A voz e a vez da periferia

A periferia teve vez e voz na campanha do PSTU, com o partido consolidando seu trabalho em diversos bairros periféricos. Na cidade de São Paulo, avançamos nosso trabalho na Brasilândia (Zona Norte), com a candidatura da Professora Flavia, que foi abraçada pela comunidade e pelos trabalhadores da Educação, obtendo 2.252 votos.

A periferia também teve seu espaço na chapa à prefei-

tura de São Paulo, com Silvana Garcia, dirigente da ocupação Jardim da União (Zona Sul), como vice do Altino. Em Jacareí, no interior paulista, a candidatura da Elisângela foi a porta-voz das lutas dos moradores do Quilombo Coração Valente. Em Porto Alegre (RS), a candidatura da Fabiana Sanguiné à prefeita pautou a luta por medidas concretas pós-enchentes e ajudou a organizar a luta no bairro Sarandi.



Professora Flávia afronta Pablo Marçal na Brasilândia, periferia de São Paulo

OPRESSÕES



Fabiana Sanguiné e coletivo anti-opressão no Quilombo dos Silva, em Porto Alegre



Seu Alex conversa com operários em Belém

Campanha combina combate à opressão com luta contra a exploração

Pela primeira vez nas eleições municipais, a informação sobre identidade de gênero foi obrigatória na ficha de inscrição. Com isso, foi possível aferir 969 candidaturas de pessoas trans. Apenas o PSTU, a UP e o PSOL

tiveram o percentual de candidaturas trans mais alto que 1% do total de candidaturas. Em Porto Alegre (RS), Nikaya Vidor, mulher trans e bancária, integrou a chapa “Coletiva Anti-opressões”, ao lado do Alexandre Nu-

nes, diretor do Sindicatos dos Trabalhadores dos Correios e ativista da luta contra o racismo. Em Belém (PA), Seu Alex, homem trans e operário da construção civil, também foi candidato a vereador.

RAÇA, GÊNERO E CLASSE



Candidata à prefeitura de Belém concede entrevista

Combate ao machismo e ao racismo

As candidaturas do PSTU também estiveram à serviço da luta contra o machismo e o racismo. Várias militantes mulheres, negras e negros, assumiram a linha de frente na campanha, em candidaturas às prefeituras ou às câmaras municipais. Em Belém (PA), Wellington Macêdo, a Well, foi a candidata do PSTU à prefeita. Trabalhadora, mãe solo, negra e moradora da periferia, ela fez a defesa de uma saída

socialista e revolucionária para, de fato, mudar a capital paraense. “Foi uma luta difícil, mas que não travei sozinha. Orgulho-me da campanha que realizamos junto com a militância do PSTU, com apoiadores e a militância da CST. Agradecemos os 2.053 votos que recebemos. Foram votos conscientes em uma alternativa independente, da periferia, socialista e revolucionária”, disse Well.

BETS

No capitalismo, a banca sempre ganha

Ninguém poderia apostar num cenário tão caótico. Em poucos anos, as chamadas “bets” (“apostas”, em inglês) tornaram-se onipresentes.

DIEGO CRUZ,
DA REDAÇÃO

Você liga a televisão e dá de cara com Ronaldo Fenômeno divulgando uma dessas empresas: “agora a jogada é outra”. Você acessa o Youtube e se depara com um comercial em forma de “manifesto”, encabeçado por ninguém menos que Seu Jorge: “A gente sabe o que é ser brasileiro”, diz o cantor. “Aprender a cair, e dar aula de levantar”, diz o jogador Vini Jr, com o punho em riste. “Deu ruim? A gente tenta de novo, e de novo, e de novo...”, brada o cantor, num comercial, não por acaso, es-

trelado apenas por personalidades negras, apelando para um suposto espírito de resiliência e teimosia do brasileiro.

PÚBLICO ALVO

Tudo esse marketing perverso não acontece por acaso. Ele é voltado à população mais pobre, negra, periférica. Um setor da população submetido ao desemprego, ou ao subemprego e à informalidade. Uma população vulnerável às promessas de ganhar dinheiro com apenas um clique no celular. Associar isso ao futebol, então, é a cereja do bolo para que grandes empresas bilionárias enganem milhões e roubem outros bilhões, justamente do povo mais pobre.

BILHÕES EM JOGO

Levantamento da auditoria britânica PwC estima que somente no Brasil, em 2023, o mercado de apostas movimentou entre R\$ 60 bilhões e R\$ 100 bilhões. E para ser uma ideia da quantidade de dinheiro que gira no mundo das “bets”, vale destacar que, em 2018, quando a atividade foi legalizada, foram “apenas” R\$ 5,1 bilhões e estima-se que, agora, em 2024, a movimentação gire entre R\$ 90 bilhões e R\$ 130 bilhões.

Uma entidade chamada Instituto Locomotiva calcula que ao menos 52 milhões de brasileiros já apostaram. O mesmo instituto levantou que a maioria, 53%, apostou não

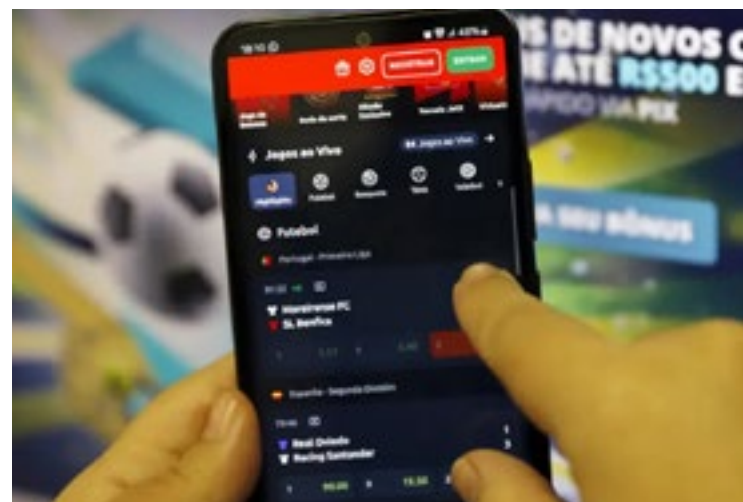


Foto: Bruno Peres / Agência Brasil

como uma “forma de entretenimento”, como as empresas e seus influenciadores dizem que é, mas para ganhar dinheiro. Ou seja, como fonte de renda.

O mais incrível é que essas empresas, a grande maioria multinacionais, que lucram enganando a população, hoje patrocinem os principais times do futebol brasileiro.

PAÍS NO FUNDO DO POÇO

Um problema social, fruto de uma crise social

No último período, alastraram-se relatos de pessoas que perderam tudo em apostas, se endividaram, endividaram familiares, até casos de suicídios, sem que nada fosse feito. Mas, nos últimos meses, um sinal amarelo acendeu e causou uma série de “preocupações” em autoridades e no mercado.

Ao lado do dado divulgado pelo Banco Central, de que R\$ 3 bilhões, no mínimo, das apostas vieram do Bolsa Família, a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo estima que o dinheiro deixado de ser gasto no comércio chegou a R\$ 117 bilhões. Já os banqueiros começaram a se preocupar com o aumento da inadimplência.

BANQUEIROS E SAÚDE MENTAL

A partir daí, a mágica começou a acontecer. Todo mundo começou a se preocupar com a saúde financeira, e mental, do brasileiro pobre. A tal ponto que o presidente da Federação Brasileira dos Bancos, a Febraban, Isaac Sidney, teve a cara de pau de declarar que “não

dá para brincar com coisa séria, que é a saúde financeira e mental das pessoas”.

Você, alguma vez, imaginaria os banqueiros, que impõem uma taxa de juros de quase 500% no cartão de crédito, responsáveis por falir e destruir famílias, de repente, começarem a se preocupar com a saúde financeira e mental dos brasileiros? Isso sem falar na grana que abocanham através dos juros da dívida, que é desviada da Saúde, Educação e demais serviços públicos.

Nessa mesma toada, a ministra Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal (STF), declarou recentemente que as tais “bets” seriam

um “abuso de um ser humano pelo outro”. Interessante que o mesmo STF está formando maioria para legitimar a excrescência do “trabalho intermitente”, um outro abuso imposto pela Reforma Trabalhista de Temer, que precariza ainda mais o trabalho e legaliza salário abaixo do mínimo.

A realidade é que essas empresas são perversas até mesmo para os padrões do capitalismo. Miram num público mais pobre e precarizado, estimulam o vício e a compulsão, e já são mais um dos vários problemas sociais que o país vive. Já a preocupação do governo e dos mercados é tão hipócrita quanto, assim como o projeto para “regularizar” as “bets”.

TAMANHO ESTIMADO DO MERCADO DE BETS NO BRASIL EM BILHÕES



Fonte: O impacto das apostas esportivas no consumo (Strafegy&, da PwC, 2024) *a partir de 2022, o estudo trabalha com um intervalo de estimativa

ARRECADAR PARA O ARCABOUÇO

Regulamentação não resolve o problema

Pelas regras adotadas pelo Ministério da Fazenda, de Haddad, que devem passar a valer a partir de 2025, as empresas de apostas, para se regularizarem, precisam pedir autorização (cujo prazo se extinguiu no último dia 1º). Precisam, ainda, depositar R\$ 30 milhões a

título de “outorga” (concessão ou autorização). Também haverá imposto de 15% sobre os ganhos de apostas.

Para o governo, o roubo e o estelionato viraram oportunidade para arrecadar mais e ajudar a cumprir a meta de déficit fiscal zero do Arcabouço Fiscal.

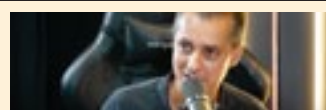
As empresas, para pagarem essa outorga, se fundirão, o que já vem acontecendo, como a britânica Flutter, que comprou a Betnacional, entre outras. Além de roubar o povo, essa grana vai continuar jorrando para os grandes bilionários estrangeiros.

Isso sem contar a lavagem

de dinheiro que esse tipo de negócio proporciona, além da corrupção, adulteração de jogos e todo o combo que vem com a jogatina, agora legalizada e à distância de um clique.

E o povo? O povo que se lasque. No capitalismo, a banca sempre ganha.

ASSISTA



Gustavo Machado, do canal Orientação Marxista, explica o que está por trás das bets

SUBDESENVOLVIMENTO FÓSSIL

Lula encontra presidente da Shell para discutir petróleo na Amazônia

JEFERSON CHOMA
DA REDAÇÃO

No final de setembro, quando estava em Nova York (EUA), para discursar na abertura da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), o presidente Lula se reuniu com o presidente global da companhia petrolífera multinacional britânica Shell, Wael Sawan, e o presidente da Shell Brasil, Cristiano Pinto.

No discurso na ONU, Lula falou sobre as guerras em curso e, também, sobre as mudanças climáticas, cobrando os países centrais do capitalismo pelo cumprimento das metas de redução da emissão de carbono.

Questionado se não via contradição entre seu discurso e uma reunião (fora da agenda) com uma das maiores petroleiras do mundo, Lula respondeu: “Eu não estou vendo nenhuma contradição. Eu recebi um empresário [de uma companhia] que está, simplesmente, há cem anos no Brasil (...). É uma empresa que tem contribuído dentro da lógica das exigências da política energética do Brasil”.



EXPLORAÇÃO DE PETRÓLEO NA FOZ DO RIO AMAZONAS ESTÁ EM PAUTA

A pauta foi a exploração de petróleo na Amazônia, na Margem Equatorial. Segundo a imprensa, o CEO (Diretor Executivo) da Shell entregou ao presidente um estudo que defende a necessidade de que o Brasil avance na exploração de petróleo.

Não é segredo que Lula, a presidente da Petrobras, Magda Chambriard, e os líderes da situação e da oposição de direita defendem a arriscada exploração de petróleo na região. Contudo, até agora, nenhuma petroleira comprovou, junto ao Instituto Brasileiro do

Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), que a exploração pode ser segura e sem riscos ambientais.

Mas, há muito dinheiro e poder em jogo e as pressões sobre o órgão ambiental pela liberação da exploração de petróleo são enormes. A Petrobras pressiona pela autorização do Ibama para perfurar o Bloco 59, que fica 160 km da costa do Amapá. Caso seja concedida, essa autorização seria a primeira de uma enxurrada de outras, em efeito cascata, para a abertura dessa nova fronteira petrolífera.

O Brasil tem 45 blocos de exploração de petróleo na Margem Equatorial. Eles foram leiloa-

dos em 2013, sendo que, hoje, a Petrobras detém 17 blocos e a Shell outros 11. Mas, 60% da exploração da Petrobras vai ser realizada em conjunto com a petroleira estrangeira.

A FARSA DO DESENVOLVIMENTO NACIONAL

A Margem Equatorial já é chamada como “o novo pré-sal brasileiro”, com possibilidade de produzir de 5 a 7,5 bilhões de barris de petróleo. O governo justifica a exploração (assim como a maioria da oposição bolsonarista, inclusive) dizendo que ela vai servir ao desenvolvimento nacional.

É um típico exemplo da velha “conversa pra boi dormir”, que já foi usada para justificar a exploração do pré-sal e a construção da hidroelettrica de Belo Monte. Mas, o país não se desenvolveu, se tornou mais desigual e ainda mais dependente, inclusive, no refino de petróleo, além de mais vulnerável às crises de energia.

Não há razão alguma para achar que o petróleo da Amazônia vai melhorar a vida do povo. Vai, sim, arrumar a vida de alguns poucos políticos e, principalmente, botar muito dinheiro no bolso dos grandes acionistas da Petrobras e Shell.

O PETRÓLEO NÃO É NOSSO!

Isso porque a expansão dessa nova fronteira petrolífera se dará no marco da profunda desnacionalização da exploração e da produção do petróleo no Brasil.

E, lamentavelmente, não faltam exemplos de como o país foi jogado para o fundo do poço neocolonial, pelos governos FHC, Lula, Dilma, PT, Temer e Bolsonaro: o fim do monopólio estatal do petróleo (em 1997); a vendas das ações da Petrobras para investidores estrangeiros, que a tonaram uma empresa de capital misto; os inúmeros leilões dos campos de petróleo (tal como o leilão de Libra, vendido para multinacionais por um valor que correspondeu a 1% do seu valor real); os planos de desinvestimentos e vendas de ativos da petroleira (venda da BR Distribuidora e Refinarias); a política do Preço de Paridade de Importação e a exportação de petróleo cru para comprar refinado são alguns deles.

Por isso, a exploração do petróleo da Margem Equatorial, direta ou indiretamente, representará mais um saque dos recursos energéticos do Brasil pelo imperialismo mundial.

MARGEM EQUATORIAL

Ameaça contra o clima e a “Amazônia Azul”

Ainda por cima, a exploração de petróleo também vai contribuir com o aquecimento global, causado pelas emissões de carbono, provocadas pela queima de petróleo. As consequências do aquecimento estão mais do que visíveis em ondas de calor, secas, chuvas intensas e furacões devastadores. E, se não houver uma redução drástica das emissões, a humanidade caminhará para o colapso climático ainda neste século.

Além disso, a exploração ameaça a foz do Rio Amazonas e a chamada “Amazônia Azul”, caracterizadas por extensos manguezais que se estendem desde o Amapá até o Maranhão, constituindo a maior faixa contínua de

manguezais do planeta, o que significa um enorme “viveiro” para inúmeras espécies marinhas.

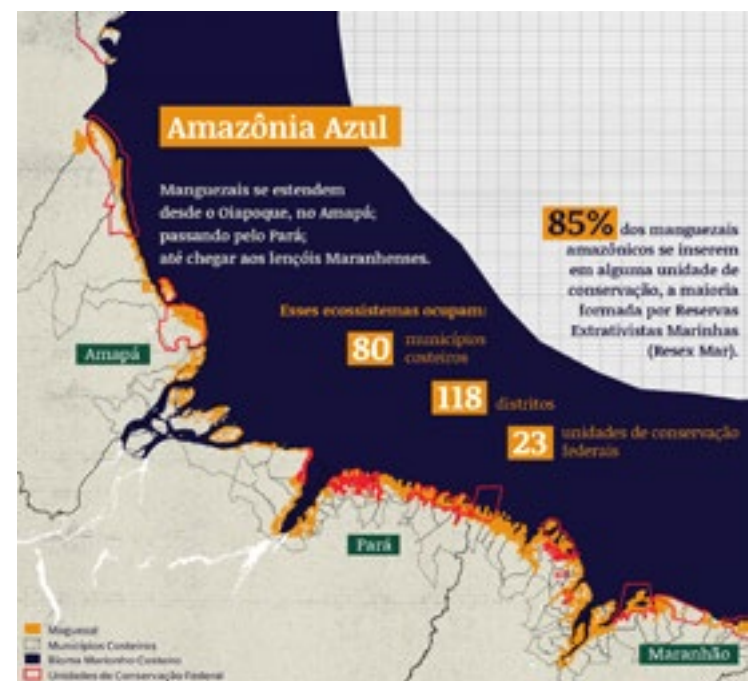
Como também é preciso lembrar que os manguezais ainda desempenham um papel fundamental na captura dos gases de efeito estufa (GEE) e têm a incrível capacidade de capturar o dobro de carbono do que a própria floresta tropical.

CONTROLE DOS TRABALHADORES PARA PRODUÇÃO DE ENERGIA RENOVÁVEL

O Brasil não precisa dessa exploração, que apenas vai enriquecer ainda mais alguns capitalistas. Precisa, sim, do desenvolvimento de novas fon-

tes de energia renovável. Isso poderia ser realizado com a nacionalização de todos os recursos energéticos do país – inclusive do Petróleo e da produção de energia elétrica – e a utilização dessa renda para garantir investimentos e pesquisas científicas que assegurem a transição energética.

Uma Petrobras 100% estatal e controlada pelos trabalhadores e trabalhadoras é necessária para que a petroleira se converta em uma empresa de energia renovável. Para isso, é preciso enfrentar os maiores inimigos da transição energética, que são os capitalistas e acionistas privados que mandam na Petrobras.



PSTU

Uma campanha a serviço da construção do partido revolucionário

ROBERTO AGUIAR, DA REDAÇÃO

O PSTU sai mais forte das eleições. Nossa militância foi às ruas, portas de fábricas, ocupações populares, bairros periféricos, escolas, universidades, feiras, terminais de ônibus e estações de metrô para apresentar um programa socialista e revolucionário, construído coletivamente, baseado em estudos da realidade de cada cidade, apontando medidas concretas para os problemas mais sentidos pela classe trabalhadora e o povo pobre.

Um programa que se enfrenta com os bilionários parasitas e o capitalismo e que foi divulgado nos nossos materiais de campanha, nas redes sociais, nas entrevistas e debates que nossas candidatas e candidatos participaram.

UMA CAMPANHA CONSTRUÍDA COM A CLASSE OPERÁRIA, A JUVENTUDE E A PERIFERIA

Foi uma campanha linda, alegre e vibrante, construída coletivamente em todo o Brasil, colada à classe operária, e que contribuiu para fortalecer nosso trabalho em setores importantes, como metalúrgicos, mineiros, petroleiros e construção civil.

Também consolidamos nossa presença em bairros periféricos, a exemplo de São Paulo (SP) – na Brasilândia (Zona Norte), no Jardim da União (Zona Sul) e em Kampala (Zona Leste) –, chegando, também, a outros, como o Sarandi, em Porto Alegre (RS).

As candidaturas da juventude, com sua rebeldia e ousadia, chamaram a transformar o ódio de classe em luta pelo socialismo. Foi assim com as candidaturas da

CHAPA COLETIVA ROMPER O PODER



COLETIVO ANTI-OPRESSÃO E CANDIDATA À PREFEITURA DE PORTO ALEGRE



CAMPANHA OPERÁRIA EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS



CAMPANHA REVOLUCIONÁRIA E SOCIALISTA EM SÃO LUÍS



CAMPANHA DE CYRO GARCIA NAS RUAS DO RIO DE JANEIRO



BRUNO TEIXEIRA E PATRÍCIA RAMOS EM MARIANA (MG)



Mandi Coelho e do Gabriel Amador, para a Câmara de São Paulo (SP); da Giulia, que integrou a chapa coletiva “Mulheres Socialistas”, à vereadora no Rio de Janeiro (RJ); do Victor Marinho, a prefeito de Salvador (BA); de Caio Marx, a vereador do Recife (PE); do Lorrán, a vereador de Niterói (RJ), além das demais candidaturas.

COMBATE ÀS OPRESSÕES

Ecoamos em nossa campanha a luta contra as opressões, combinada com a luta contra a exploração. O PSTU, por exemplo, foi o terceiro partido com mais candidaturas de pessoas trans.

Nossas militantes mulheres também estiveram à frente de can-

didaturas majoritárias e de chapas coletivas para as câmaras de vereadores, muitas delas mulheres negras, como a Well, candidata à prefeita de Belém; a chapa ‘Coletivo das Pretas’ (Ester Durans, Marina Martins e Kimberlly Serejo), candidatas a vereadoras em São Luís (MA); Deyse Oliveira, vereadora em São Gonçalo (RJ) e Raquel de Paula, vereadora em São José dos Campos (SP).

UM PARTIDO MAIOR

O PSTU termina o processo eleitoral maior, com novas frentes de atuação e com novas e novos militantes. Na cidade de São Paulo, dezenas de jovens entraram para o Rebeldia, coletivo construído pela juventude do PSTU, e estão organizados em núcleos em todas as regiões da capital paulista.

Centenas de novos militantes aderiram ao PSTU em todo o país. Agora, avançam para a etapa de consolidação, com participação nas reuniões semanais, nos cursos de formação, na compra e venda dos jornais e com a contribuição financeira ao partido.

Durante as eleições, foram realizadas diversas atividades de apresentação do partido. Zé Maria, presidente nacional do PSTU, participou de atividades com a militância e com os novos contatos, como nas regionais de Belo Horizonte e Contagem (MG), em São José dos Campos e no ABC, em São Paulo.

Em Salvador, a campanha foi encerrada com uma vitoriosa atividade de apresentação do partido a jovens e trabalhadores de diversas categorias.

TOME PARTIDO



Venha para o PSTU!

Convidamos você a ser parte da construção de um partido socialista e revolucionário. O PSTU é um partido que se enfrenta com o capitalismo, defendendo um programa socialista, que aponta as saídas necessárias para resolver os problemas mais sen-

tidos pela classe trabalhadora – da cidade e do campo –, pela juventude e pelo povo pobre.

Chamamos você a construir o PSTU com a gente. Participe de nossas reuniões abertas, dos cursos de formação, das palestras e atividades em nossas sedes, ajudando

na venda do jornal. Ou seja, como e com o que você puder. Chegue mais!

FAÇA PARTE



Acesse aqui o QR-CODE e faça parte do PSTU